SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

JHESSICA NUNES PANTOJA

O HOSPITAL DAS IRMÃS COMO LUGAR DE MEMÓRIA NA CIDADE DE ABAETETUBA.

ABAETETUBA/PA
2025

JHESSICA NUNES PANTOJA

O HOSPITAL DAS IRMÃS COMO LUGAR DE MEMÓRIA NA CIDADE DE ABAETETUBA.

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de Artigo Científico (IN- 08/2025-PROEG/UFPA), apresentado à Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof. Dr. Sérgio Bandeira do Nascimento.

ABAETETUBA/PA
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P198h Pantoja, Jhessica Nunes.
O hospital das irmãs como lugar de memória na cidade de Abaetetuba / Jhessica Nunes Pantoja. — 2025.
XXIX, 29 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Sérgio Bandeira do Nascimento Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Educação do Campo, Abaetetuba, 2025.

1. Lugares de memória. 2. Hopital das irmãs. I. Título.

CDD 372

JHESSICA NUNES PANTOJA

O HOSPITAL DAS IRMÃS COMO LUGAR DE MEMÓRIA NA CIDADE DE ABAETETUBA.

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de Artigo Científico (IN- 05/09/2025-PROEG/UFPA), apresentado à Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof. Dr. Sérgio Bandeira do Nascimento.

Data de aprovação: ___/___/_____

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Sérgio Bandeira do Nascimento – Orientador (UFPA)

_____

Profa. Dra. Crisolita Gonçalves dos Santos Costa Examinadora (UFPA)

_____

Prof. Dra. Maria do Socorro Alexandre Pereira Examinador (UFPA)

O Hospital das Irmãs como Lugar de Memória na Cidade de Abaetetuba.

Jhessica Nunes Pantoja[1]
Profº. Sérgio Bandeira do Nascimento[2]

Resumo: O presente estudo apresenta o "Hospital das Irmãs" como lugar de memória na cidade de Abaetetuba e tem como objetivo estabelecer atravessamentos entre história local, memória e lugares de memória na cidade de Abaetetuba, com o intuito de discutir estratégias para dinamizar o ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental. O objeto de estudo da pesquisa é o Centro Médico Nossa Senhora da Conceição popularmente conhecido como "Hospital das Irmãs" que está localizado no centro da cidade de Abaetetuba no Pará. Como metodologia se fez o uso de pesquisa bibliográfica a qual é indispensável em estudos dessa natureza, além da história oral por meio de entrevistas sobre o objeto de estudo. Utilizamos autores como Le Goff (1990), Silva e Silva (2009), Nora (1984) entre outros. Por fim, apresentamos que o "Hospital das Irmãs" se caracteriza como "lugar de memória" na cidade de Abaetetuba, além de que o trabalho realizado pela ordem religiosa das irmãs Xaverianas institui um novo significado para a prática de cuidado e da maternidade de mulheres por meio dos serviços médicos, inclusive para as mulheres da região das ilhas e dos ramais do município de Abaetetuba. Mediante isso, tanto o hospital como as religiosas, conhecidas como "irmãs" são parte da memória coletiva pelo cuidado, o carinho e a atenção no atendimento de mulheres e à maternidade.

Palavras-Chave: Lugares de Memória, Hospital das Irmãs em Abaetetuba, Ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Abstract: This study presents the "Hospital das Irmãs" as a place of memory in the city of Abaetetuba and aims to discuss local history and promote strategies to streamline history teaching in the early years of elementary school. The research object is the Nossa Senhora da Conceição Medical Center, popularly known as "Hospital das Irmãs," located in the center of the city of Abaetetuba, Pará. The methodology used was bibliographic research, which is indispensable in studies of this nature, drawing on authors such as Le Goff (1990), Silva e Silva (2009), Nora (1984), among others, as well as oral history, through interviews about the object of study. Finally, we conclude that the "Hospital das Irmãs" is characterized as a "place of memory" in the city of Abaetetuba, emphasizing the work carried out by the religious order of the Xaverian Sisters, called to help the population during a period when medical services in the city were quite precarious and the neediest population, especially in the islands region and the branches of the municipality of Abaetetuba, had few resources. Therefore, both the hospital and the nuns, known as "sisters", are fondly remembered by the population for the care and attention they provided in the care and assistance they provided, which went beyond their professional role, as it was carried out with love by these sisters.

Keywords: Places of Memory, Hospital das Irmãs, Teaching History in the early years of elementary school.

[1] Jhessica Nunes Pantoja: Graduanda do curso de Pedagogia da FAECS, UFPA – Campus de Abaetetuba. E-mail: nunesjhessica108@gmail.com.
[2] Prof. Dr. Sérgio Bandeira do Nascimento: Docente da FAECS, UFPA – Campus de Abaetetuba. E-mail: Sergbandeira@ufpa.br.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 6
2 CORRENTES HISTORIOGRÁFICAS E O ENSINO DE HISTÓRIA 8
2.1 OS ATRAVESSAMENTOS ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA 10
2.2 LUGARES DE MEMÓRIA: UMA PERSPECTIVA SOBRE OS SUJEITOS INVISIBILIZADOS 13
2.3 A CHEGADA DA ORDEM RELIGIOSA DAS IRMÂS XAVERIANAS 16
3 O HOSPITAL DAS IRMÃS COMO LUGAR DE MEMÓRIA NA CIDADE DE ABAETETUBA 18
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 24
5 REFERÊNCIAS 25

1 INTRODUÇÃO

O estudo decorre das problematizações desenvolvidas na disciplina Fundamentos Teóricos e Metodológico de História no Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Sociais (FAECS), da Universidade Federal do Pará no Campus de Abaetetuba.

Desde os tempos mais remotos, a humanidade tem se deparado com a necessidade de recordar e preservar seu passado, a fim de compreender sua própria história e identidade. Neste contexto, a memória e os "lugares de memória" desempenham um papel fundamental na construção e preservação das narrativas coletivas. Ao recordar lugares significativos, como monumentos, museus, cemitérios e outros espaços que evocam lembranças do passado, somos capazes de nos conectar com nossa história, honrar aqueles que nos precederam e refletir sobre as experiências que moldaram nossa sociedade.

A relação entre história, memória e "lugares de memória" é objeto de estudo e reflexão por parte de historiadores, sociólogos, antropólogos e demais estudiosos das ciências humanas. Estes elementos estão intrinsecamente relacionados e desempenham um papel fundamental na construção da identidade coletiva e na preservação do patrimônio cultural de uma sociedade. A memória, como processo de lembrança e reconstrução do passado, é essencial para a transmissão de conhecimentos e valores de uma geração para outra, enquanto os lugares de memória atuam como dispositivos físicos que evocam lembranças e sentimentos ligados à história de um povo.

Os lugares de memória podem assumir diversas formas e manifestações, estes locais são carregados de simbolismo e representam momentos cruciais da história de uma comunidade, servindo como pontos de referência e celebração da memória coletiva. Através da visita e preservação desses lugares, as gerações atuais têm a oportunidade de se conectar com seus antepassados, compreender as lutas e conquistas do passado e refletir sobre os desafios e transformações que moldaram a sociedade em que vivemos.

A preservação dos lugares de memória e a valorização da história são fundamentais para a construção de uma identidade cultural sólida e para o fortalecimento do senso de pertencimento de um povo. Ao reconhecer e respeitar os lugares que guardam a memória de gerações passadas, somos capazes de honrar os que nos antecediam e de aprender com as lições do passado. Além disso, os lugares de memória constituem espaços de diálogo e reflexão, onde diferentes perspectivas e interpretações da história podem ser compartilhadas e debatidas, contribuindo para a construção de uma narrativa histórica.

O presente estudo busca estabelecer atravessamentos entre história local, memória e lugares de memória no município de Abaetetuba com a finalidade de dinamizar o ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental. Para isso, a presente pesquisa se apresenta com uma abordagem qualitativa**,** a qual para os autores Gerhardt e Silveira (2009, p.31), esse tipo de abordagem não centra suas análises em dados numéricos, mas, sim,

> com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria.

Também será empregado como suporte, a pesquisa bibliográfica, a qual é frisada como indispensável em estudos históricos, visto que, em alguns casos não há outra maneira de ter conhecimento sobre fatos do passado (Gil, 2002, p.45). A pesquisa bibliográfica é fundamental neste campo, visto que, a mesma dará embasamento teórico sólido para o pesquisador, e fará com que este tenha domínio de seu campo de estudo, tornando assim a pesquisa alinhada e atualizada com o que lhe é proposta.

A história oral será o recurso metodológico utilizado para a coleta dos dados de tal pesquisa, Silva e Silva (2009, p.186) ressalta que essa é uma metodologia histórica que faz uso de depoimentos orais, realizando entrevistas a partir das análises que o historiador estabelece. A História Oral possui grande relevância no campo de estudo da história, pois abre espaço, para que pessoas e comunidades que estão presentes na sociedade, que, no entanto, não são alfabetizadas e nem possuem nenhuma forma de escrita, possam contar suas próprias histórias, impedindo que sejam apagadas ou esquecidas, sem serem ouvidas.

Outrossim, para se pensar a memória e lugar de memória no contexto aqui exposto, será utilizado primordialmente como referência teórica, autores como Jacques Le Goff (1990) e a obra "História e Memória" e Pierre Nora (1993), mais exatamente seu ensaio "Entre História e Memória: a Problemática dos Lugares".

Embora entre os propósitos esteja evidenciar a valorização da história local como estratégia para dinamizar o ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental, ressaltamos que é um ponto de partida para compreensão de processos históricos em diferentes temporalidades e espacialidades, além de criar práticas investigativas a partir de sua realidade mais imediata. Nesse sentido,

> Quando se propõe o ensino de história local como indicativo da construção da consciência histórica, não se pode esquecer de que, no processo de globalização que se vive, é absolutamente indispensável que a formação da consciência histórica tenha marcos de referência relacionais e identitários os quais devem ser conhecidos e situados em relação às identidades locais, nacionais, latino-americanas e mundiais. (Schmidt, 2007, p. 190)

Além de que, para essa autora, "a história local é mais plural, menos homogênea, que não silencia as especificidades"

(Schmidt, 2007, p. 190). Buscando elucidar os objetivos propostos, o presente artigo está estruturado da seguinte maneira: na primeira seção será abordado sobre "As Correntes Historiográficas e o Ensino de História" em que será enfatizada a influência das correntes historiográficas sobre o ensino de história desde as metodologias tradicionais, e a implementação de novas metodologias para aperfeiçoar o ensino de tais conhecimentos.

Posteriormente será apresentado no segundo item "Os Atravessamentos entre História e

Memoria". Tal discussão se justifica a fim de ancorar os caminhos da memória e da história, visualizar suas distinções e estabelecer suas concretudes, seguidamente será discutido o tópico "Lugares de Memória: Uma Perspectiva Sobre os Sujeitos Invisibilizados" para revelar os sujeitos invisibilizados, silenciados pela história, que, no entanto, também são sujeitos históricos.

Na terceira seção, iremos tratar sobre "A Chegada da Ordem Religiosa das Irmãs Xaverianas", na qual iremos discorrer sobre a da criação da Sociedade de São Francisco, além da fundação da congregação dessas missionárias e a sua chegada na cidade de Abaetetuba, assim como os desafios enfrentados após o início dos atendimentos no município.

Em seguida, será abordado o tópico, "O Hospital das Irmãs Como Lugar de Memória na Cidade de Abaetetuba". Neste segmento também, com base nas entrevistas realizadas, verificamos a importância desse espaço hospitalar para a cidade de Abaetetuba, concluímos que as memórias não se restringem apenas ao contexto em que o hospital está inserido ela se expande para além dos muros do hospital e assim se torna um lugar de memória dentro do município de Abaetetuba.

Entendemos também que ao promover a valorização dessas memórias e desses sujeitos, acabamos por abrir novos horizontes para pesquisas da história da comunidade a qual pertencemos, sempre pensando no ensino de história de forma dinâmica a partir do objeto a ser estudado. O estudo aqui proposto tem a intenção não somente de materializar o Hospital das Irmãs, enquanto lugar de memória, como também compreender a importância desse espaço na cidade de Abaetetuba-Pará e assim, refletir sobre as possíveis aberturas para dinamizar o ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental a partir do objeto de estudo.

2 CORRENTES HISTORIOGRÁFICAS E O ENSINO DE HISTÓRIA

O profissional de pedagogia sendo habilitado a atuar desde a educação infantil até os anos iniciais do ensino fundamental é responsável pelo ensino sobre as diversas áreas do conhecimento, entre elas os conhecimentos relacionados a história e geografia, os quais se referem a conhecimentos básicos das ciências humanas nos primeiros anos de escolarização. Neste artigo será enfatizado especificamente os conhecimentos relacionados ao campo de saber da história e ao ensino de história, componente curricular dos anos iniciais do ensino fundamental. Sobre essa questão, Fonseca (2009, p. 15) nos apresenta que, "discutir o ensino de história, hoje, é pensar os processos formativos que se desenvolvem nos diversos espaços, é pensar fontes e formas de educar cidadãos, numa sociedade complexa marcada por diferenças e igualdades"

Partindo disso, sabe-se que ainda nos dias atuais os conteúdos e as metodologias do ensino de história se davam a partir de práticas tradicionais, totalmente voltadas somente para o uso do livro didático e para a memorização de datas, nomes de personalidades e fatos importantes descritos nos livros, sem instigar os educandos sobre a história a sua volta e a importância da mesma, nem fazer relação dos conhecimentos obtidos com o momento atual, visto que, já havia

uma sequência de conhecimentos preestabelecidos que seriam ensinado. Portanto, era um modelo de história centrado no passado e em "vultos históricos", ou seja, mulheres, crianças, negros, indígenas eram esquecidos, além de não pensar e problematizar as possíveis interconexões entre passado-presente, assim como visibilizar múltiplos sujeitos.

Chimamanda (2019, p. 11) evidencia essa ação quando diz que "é assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna." De tal forma, esses sujeitos eram assim interpretados e incompreendidos, sem sequer ter a possibilidade de narrar ou expressar a sua própria visão a respeito de sua história e sua cultura tornando-se invisibilizados dentro de sua própria história, o que para essa autora expressa clara manifestação de preconceito e perpetuação de estereótipos. Chimamanda (2019, p. 12) discuti esse estereótipo e destaca "A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos".

Mediante isso, tais práticas de ensino estão diretamente relacionadas a corrente historiográfica entendida como "positivismo", que ganhou destaque no século XIX e buscava a compreensão da história como aquela que só deveria ser escrita a partir de fontes específicas, oficiais, como os documentos escritos oficiais do Estado, que enfatizava determinados sujeitos como sendo considerados heróis, e responsáveis pelo desenvolvimento da nação, os quais esses heróis eram especialmente os governantes.

Dessa forma, o ensino de história deveria ser realizado de forma cronológica linear e objetiva diante dos fatos narrados nos documentos, sem que houvesse uma reflexão crítica do educando diante de tais fontes. Com isso, o aluno não obtém autonomia e criticidade na construção dos conhecimentos históricos ou mantém qualquer relação de pertencimento com os conteúdos estudados. Nascimento e Moraes (2013, p.145) destacam que "o movimento dos Annales teve grande relevância para uma nova configuração no ensino e nos conteúdos de história, trazendo novas abordagens, novos métodos e novos objetos, que buscavam ampliar esses conteúdos."

No século XX a historiografia marxista passou a ganhar lugar de destaque e compreendia que a história deveria enfatizar as pessoas simples da sociedade, entendendo que o cotidiano desses indivíduos também se caracteriza como história e deve ser valorizado de igual modo. Tal momento histórico se caracterizava por evidenciar as lutas de classe, a economia como importante fator no processo de compreensão da história, e a dialética entre as classes que leva a sociedade a transformações históricas.

Portanto, emergem novos sujeitos para a cena da produção historiográfica, homens e mulheres simples, das camadas populares e trabalhadores, passam a ser visibilizados e assim aparecem como protagonistas de sua própria história. Chimamanda (2019, p. 13) chama atenção para o perigo de uma história única, contada por apenas um dos sujeitos presentes em tal história,

> Sempre senti que é impossível se envolver direito com um lugar ou uma pessoa sem se envolver com todas as histórias daquele lugar ou daquela pessoa. A consequência da

> história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos.

Esse cenário passou por questionamentos e a Escola Francesa dos Annales abre espaços para uma nova corrente historiográfica, a Nova História que buscava a compreensão das realidades do educando e compreende que a história está presente em múltiplos sujeitos, em diferentes fontes históricas, o que abre perspectivas para novas abordagens, assim como possibilita uma análise mais profunda da realidade do objeto pesquisado. Para Silva e Silva (2009, p. 190)

> "Também Peter Burke, em seu estudo sobre a Escola dos Annales, define essa corrente como a revolução francesa da historiografia. Tal "revolução", no início do século XX, transformou a forma de se escrever História no Ocidente, sendo sua principal crítica voltada para a historiografia chamada positivista."

Essas mudanças no plano teórico da história provocam algumas transformações nas produções historiográficas, e por sua vez, no próprio ensino de história. A partir disso, passou por mudanças com a implementação de novas metodologias e um ensino voltado para as realidades do educando, levando em conta os conhecimentos históricos que o educando possui.

Vale ressaltar que a formação do profissional de pedagogia é diferente da formação do professor de história, porém, ambos terão a obrigatoriedade de trabalhar com os conhecimentos históricos em níveis diferentes de ensino. Por isso, se faz necessário que o educador esteja em constante formação, com o objetivo de auxiliar o aluno da melhor maneira possível na busca dos conhecimentos necessários para poder desenvolver o seu trabalho, de modo que possa contribuir significativamente com discentes ainda em processo de formação. Com isso, o ensino de história passa a pesquisar lugares, pessoas e objetos, e tem a percepção e a compreensão que história está em tudo especialmente no passado e no presente que é o nosso tempo.

2.1 OS ATRAVESSAMENTOS ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA

Ao adentrar o campo da história, trilhamos por caminhos que acabam por nos conduzir a várias interpretações, múltiplas histórias e, por conseguinte, vários atores sociais, sujeitos que produzem suas próprias histórias. Quem são os protagonistas desses eventos históricos? Quais narrativas merecem ser compartilhadas? De que maneiras devemos abordá-las? Identifica-se que a história enquanto ciência, passa por um processo diferente das outras ciência, segundo Le Goff (1990, p. 05). "A ciência histórica se define em relação a uma realidade que não é nem construída, nem observada como na matemática, nas ciências da natureza e nas ciências da vida, mas sobre a qual se "indaga", se "testemunha".

Durante muito tempo, a história era geralmente rejeitada como uma disciplina científica pela maioria dos estudiosos, devido à sua natureza distinta em relação às outras áreas de estudo. Portanto, a história tem procurado se firmar como ciência ao superar a prática simples da

transmissão oral de informações, desenvolvendo um sistema de preservação de documentos escritos e estabelecendo bibliotecas, museus, esculturas e outros recursos. O intuito era garantir maior credibilidade às narrativas históricas, apresentando algo tangível e visualizável.

Segundo Le Goff (1990) essa busca forneceu os materiais da história, os quais esses tem como principal representante o "documento". Com isso, a história entende o documento como sua principal forma de validação, como ferramenta de trabalho, pois ainda segundo Le Goff "o documento é monumento".

Saindo desse período introdutório da história enquanto ciência, e caminhando para a percepção da história na atualidade, o pensamento de Silva e Silva (2009, p. 76) mostra que as "renovações conceituais e metodológicas da História propiciaram abertura para os estudos do cotidiano, que começaram a ganhar espaço com a corrente historiográfica chamada Nova História."

Essas renovações conceituais e metodológicas ocorrem para ampliar a visão acerca do que é história, assim, o posicionamento do historiador Marc Bloch é extremamente relevante, pois Bloch entende a história como "a ciência do homem no tempo",

> Pois a história não apenas é uma ciência em marcha. É também uma ciência na infância: como todas aquelas que têm por objeto o espírito humano, esse temporão no campo do conhecimento racional. Ou, para dizer melhor, velha sob a forma embrionária da narrativa, de há muito apinhada de ficções, há mais tempo ainda colada aos acontecimentos mais imediatamente apreensíveis, ela permanece, como empreendimento racional de análise, jovem. (Marc Bloch, 2002, p. 42)

Assim, o entendimento que antes se tinha do que é história, dá lugar a um novo cenário com destaque ao homem como protagonista de sua própria história na intenção de fazer uma ruptura daquele modelo de história tradicional, inclusive com uma reviravolta sobre o próprio papel do historiador, ampliando-se as fontes históricas e dando origem a uma gama de novas possibilidades na produção do conhecimento histórico e no próprio ensino de história.

Sob a visão da Nova História a noção de fonte é alargada, visto que passa a ser pensada e problematizada não somente pela noção de documento escrito, oficial, mas sim como:

> Fonte histórica, documento, registro, vestígio são todos termos correlatos para definir tudo aquilo produzido pela humanidade no tempo e no espaço; a herança material e imaterial deixada pelos antepassados que serve de base para a construção do conhecimento histórico. (SILVA e SILVA, 2009, p. 158).

Esta ideia foi desenvolvida ao longo do processo histórico, considerando o documento como um guia para a verdade. Agora eles são alvos de críticas, análises e perguntas para garantir sua própria veracidade. A partir da década de 1930, a imparcialidade da História foi questionada devido à crença de que os historiadores são influenciados por sua classe social e, portanto, não são imparciais.

Nesta ampliação sobre a noção de fontes históricas passa a incorporar conceitos como

imagem, literatura e cultura material como resultado desses avanços, buscando cada vez mais registros e vestígios. Ainda assim, o documento escrito não perdeu sua importância histórica; em vez disso, precisou ser reinterpretado usando técnicas interdisciplinares relacionadas à linguística e à psicologia. Cita-se, nesse contexto, a metodologia histórica em ascensão: a história oral, pois "é uma disciplina que ultrapassa o registro de depoimentos e se volta para a reflexão teórica e metodológica em torno da construção do conhecimento." (SILVA e SILVA, 2009, p. 187).

A utilização da história-problema e a ampliação das fontes estão entre as muitas mudanças no pensamento histórico promovidas pela Escola dos Annales que estabeleceu um novo padrão na forma como concebemos o ato de contar a própria história, ao ampliar o pensamento sobre esse campo do conhecimento como ciência. A partir dessa ideia, Peter Burke divide o movimento dos Annales em três períodos:

> Em sua primeira fase, de 1920 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos. [...] Essa segunda fase do movimento, que mais se aproxima verdadeiramente de uma "escola", com conceitos diferentes (particularmente estrutura e conjuntura) e novos métodos (especialmente a "história serial" das mudanças na longa duração), foi dominada pela presença de Fernand Braudel. Na história do movimento, uma terceira fase se inicia por volta de 1968. É profundamente marcada pela fragmentação (BURKE, 1992, p. 13-14).

A escola dos Annales modificou a estrutura da história como ciência. Como resultado, eles mudaram o foco da concepção histórica, passando da história baseada apenas na análise de documentos para uma história mais comum, capaz de abordar questões sociais das mais simples às mais complexas. Parafraseando Jacques Le Goff, portanto, existem pelo menos duas histórias: a primeira é aquela contada pelos historiadores e a segunda é aquela que é conhecida por todos. Para esse autor,

> A primeira é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado. É desejável que a informação histórica, fornecida pelos historiadores de ofício, vulgarizada pela escola (ou pelo menos deveria sê-lo) e os, *mas media*, corrija esta história tradicional falseada. (Le Goff, 1990, p. 23)

Uma história comum a todos, que traz consigo elementos do imaginário, onde os sujeitos se identificam e estabelecem suas conexões históricas de modo que mesmo sem a história tradicional, é possível verificar o que Le Goff postula, um afastamento da fonte histórica tradicional, que dá espaço para novas histórias, que por vezes, assumem um papel mítico, deformado e que por isso não é considerada história para muitos, gerando assim sujeitos e histórias invisibilizados. Ressaltamos que é sob tal perspectiva que pensamos o nosso objeto de estudo para esta pesquisa, justamente por entender que ele se constitui como uma "ampliação" temática proposta pelos Annales.

A partir dessas informações, é necessário promover uma conversa sobre uma pergunta que acompanha a ciência desde o início. Qual seria o objetivo real da história? Ao buscar uma definição, Marc Bloch, propôs a história como "a ciência dos homens no tempo" e não concordava

com a ideia de uma história estática e morta. Em vez disso, ele acreditava que a história deveria ser viva e capaz de caminhar para o passado sem esquecer o presente.

Com base nisso, partimos para ampliar o conhecimento referente a memória, segundo Le Goff (1990), "a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas". Consequentemente a partir de tais atribuições a memória é então analisada, meditando de que forma pode intervir na história realizando um resgate do passado e refletindo o presente.

O estudo da memória perpassa por diversas áreas de análise para além das ciências humanas, tendo a possibilidade de ser individual ou coletiva, entretanto, a memória coletiva é destacada como a que desperta maior interesse no historiador, a partir dessa, o mesmo busca interpretar ações do passado e do presente. Jacques Le Goff destaca a presença da memória coletiva nas lutas sociais, sendo essa uma ferramenta para a influência e a supremacia da história.

> [...]a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Além de que, para o autor Le Goff(1990), a memória é social, e além disso, um dos principais meios para se abordar os problemas existentes no tempo e na história. Assim, a memória é utilizada como ferramenta para o indivíduo e a sociedade a partir do que é lembrado e do que é esquecido.

Em função disso, é importante notar, a associação e o contraste presente entre os enfoques destacados, sendo, a memória e a história, conforme Silva e Silva, (2009, p. 276) Antonio Monteiro ressalta que "apesar de haver uma distinção entre memória e História, essas são inseparáveis, pois se a História é uma construção que resgata o passado do ponto de vista social, é também um processo que encontra paralelos em cada indivíduo por meio da memória."

Nora (1993) destaca a memória como sendo um "fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente". Assim, se evidencia a relevância da memória, a qual se faz presente desde os primeiros acontecimentos históricos ocorridos na sociedade, até os dias atuais.

Nesta perspectiva, entendemos que os atravessamentos entre história, historiografia e memória, nos conduzem para pensar e problematizar o conceito de lugares de memória, a partir de Pierre Nora, um dos historiadores oriundos do movimento da nova história, como iremos discorrer na seção seguinte.

2.2 LUGARES DE MEMÓRIA: UMA PERSPECTIVA SOBRE OS SUJEITOS INVISIBILIZADOS

Nora (1993) compreende que os lugares de memória são construídos a partir da ideia de que

a memória não surge espontaneamente, sendo necessário criar arquivos, organizar aniversários, manter celebrações e pronunciar elogios fúnebres, pois tais operações não são naturais. A memória se instala no que considera ser sagrado, e assim, s fixa no espaço, na imagem, no objeto, se tornando parte de um povo, de uma localidade ou de uma sociedade, sendo assim, os lugares de memória um dos elementos fundamentais na construção da memória coletiva.

A partir dessas mudanças de pensamento no campo da história ocorre a interação entre a história e a memória, assim, quando examinamos nossa própria história, podemos então perceber o momento de maior transformação. Deste modo, se abre espaço para novas abordagens para além da centralidade na historiografia tradicional.

A reflexão a partir da história oral permite que o pesquisador explore e entenda melhor o contexto a ser estudado, pois revela coisas que não foram relatadas, como omissões de documentos escritos, evidências que ainda não foram observadas e dados ainda não registrados, que estão na memória viva dos entrevistados. Com isso, conduz para uma forma de guardar e reinterpretar a história que foi ganhando espaço para os historiadores, para Le Goff (1990), a memória está nos próprios alicerces da História, confundindo-se com o documento, com o monumento e com a oralidade.

A História Oral é descrita como um método histórico que se utiliza de depoimentos orais a partir de entevistas, na qual o historiador responsável pela pesquisa desenvolve suas análises com base nos dados coletados. A partir da metodologia da História Oral, povos e comunidades invisibilizadas por não possuir escrita passam a ser valorizados e suas próprias histórias são ouvidas, logo, vale ressaltar a constante presença da história oral desde o princípio dos acontecimentos históricos, a qual esta constantemente integrada com a memória humana.

Em face disso, é essencial ressaltar a relevância da História Oral para manter a cultura de tais sujeitos invisibilizados, preservar a perspectiva dos próprios atores de eventos históricos e guardar a memória. Silva e Silva (2009, p. 188) comprova tal afirmação quando destaca que “ela incentiva que pensemos a oralidade em toda a sua funcionalidade como ferramenta de transmissão de valores, sentimentos, visões de mundo. Enfim, como instrumento de transmissão de cultura.”

Nesse sentido, trabalhamos a ideia promovida através da Escola dos Annales, que traz uma forte crítica à história tradicional e abre outras perspectiva sobre questões como a história problema e uma ampliação das fontes históricas. No entanto, tal movimento não foi unanimidade entre os historiadores, pelo contrário, houve muita resistência a ideia que a escola dos Annales buscava desenvolver.

Percebemos que mesmo a escola dos Annales não sendo unanimidade, e consequentemente sendo criticada, é clara que sua atuação e contribuição para a história enquanto ciência foi profunda. Para falar de um de seus principais representantes, trazemos o nome de Pierre Nora, historiador francês especialista em identidade e memória francesas, foi membro da terceira geração da escola dos Annales. Nora fornece ideias e pensamentos em seus debates que nos ajudam a

entender melhor os sujeitos invisibilizados, principalmente quando se trata de sujeitos históricos e aqui nesse estudo, em particular, será utilizado um conceito-chave cunhado por esse historiador: “Lugares de memória”

Gostaria de destacar e discutir algumas das muitas ideias que Nora trabalha. Para começar, o que o autor chama de "aceleração da história" Nora (1993) explica que a aceleração da história não é apenas uma metáfora, mas também uma compreensão do significado da expressão: uma aceleração crescente de um passado definitivamente extinto, a percepção de tudo como desaparecido ou uma quebra de equilíbrio.

Ao perceber que algo está sendo perdido, o sujeito precisa criar o que segundo o autor é chamado de lugares de memória, pois sua memória só pode se consolidar se houver um local físico onde reside. O autor entende que aceleração é uma busca por memórias. A ideia de que a memória pode se perder e acabar se não for materializada em locais ou monumentos está intimamente ligada a esse sentimento de perda que o autor nos sugere. No entanto, Nora (1993) afirma que o fato de falarmos tanto sobre a memória é a razão pela qual ela não existe mais. Isso significa que, embora a criação de um local possa manter a memória por um período de tempo, ela não dura para sempre, pois mesmo o local que pretendia "guardar a memória" acaba se esvaindo.

A percepção da história através da memória é vinculada a fragmentos da memória do passado e muda com o tempo. Nora sugere que, com o tempo, houve uma busca acelerada pela preservação da memória, o que tornava os locais de memória residuais, como mencionado anteriormente, guardiões de uma memória que não existe mais. Como resultado, Nora (1993) afirma que os únicos meios de memória são locais de memória.

Atualmente, Nora introduz um segundo termo, que ela chama de métodos de memória. Ele certamente não aborda o assunto, quais seriam esses métodos de memória e como eles funcionam para construir o que chamamos de memória. Aqui, percebemos e destacamos a clara intenção de Nora em desvincular história e memória, afirmando que a memória se perpetua por conta própria, o que significa que história e memória são opostas. Nora (1993) afirma que a memória é a vida, porque está carregada por organismos vivos e, portanto, está em constante mudança; ela está aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, não sabendo de suas mudanças subsequentes, exposta a todos os tipos de usos e manipulações, e é suscetível a qualquer uso e manipulação.

Nora (1993) diz que a história é a reconstrução problemática e incompleta de algo que já não existe. Portanto, ao olhar para a própria história, é fácil notar que ela sempre escolhe os principais, os ditos mais importantes, e às vezes silencia os menos importantes. Ao pensar nessas questões, é inevitável falar dos sujeitos invisibilizados, para esses sujeitos a memória é, talvez, o único recurso que busca conservar a própria história. Ainda no aspecto da valorização, a história enquanto ciência tem buscado mostrar e promover lugar e voz a essas pessoas.

Quando pensamos nesses sujeitos e suas contribuições históricas, adentramos por caminhos que emergem de diferentes vertentes e processos, alguns no sentido de valorizá-los e outros no

sentido de relegá-los às "margens da história".

A partir dessa discussão trataremos de sujeitos invisibilizados presentes na história do município de Abaetetuba, especificamente em um hospital da cidade conhecido como Hospital das Irmãs, que comprova nesse caso específico a visibilidade dos sujeitos presentes no local, sujeitos esses que são as religiosas que trabalhavam no local, os usuários do hospital, e os funcionários que trabalham atualmente no local.

2. 3 A CHEGADA DA ORDEM RELIGIOSA DAS IRMÃS XAVERIANAS.

Inicialmente será salientado a chegada das irmãs[3] na cidade de Abaetetuba e a importância das mesmas, sendo elas os principais sujeitos que são visibilizados pela população da cidade e por atuais funcionários do hospital, que reconhecem o trabalho realizado por elas e realçam a relevância de sempre lembrar delas como sujeitos que não devem ser esquecidos.

A cidade de Abaetetuba, passou a ser colonizada a partir da primeira metade do século XVIII e desde os seus primeiros anos a sua base de desenvolvimento econômico esteve vinculada ás atividades comerciais que envolvia o pescado, a madeira, o açaí e principalmente a cachaça, que concedeu a cidade de Abaetetuba o apelido de "terra da cachaça"[4], justamente pela grande quantidade de engenhos de cachaça [5]espalhados pelas margens dos rios de Abaetetuba.

Com o crescimento da população a ação de cuidado com a saúde de seus habitantes também passou por mudanças significativas e um dos aspectos que buscamos ressaltar é a necessidade de prestação de assistência médica às famílias da cidade, assim como aquelas que habitavam em comunidades mais distantes do que hoje se caracteriza como a área urbana da cidade.

Tradicionalmente as práticas de cura de doenças eram realizadas por homens e mulheres em seus saberes tradicionais e no caso da maternidade, era bastante comum as habilidades das mulheres parteiras. Diante de tal situação, chegaram à cidade missionários de uma congregação religiosa católica dos Xaverianos e a partir da realidade do município, iniciaram atividades de assistência médica para a população, com serviços voltados para o cuidado ambulatórios e acompanhamento pós-parto. Inicialmente constituídos somente por religiosos do sexo masculino, (Irmãos xaverianos)[6], chegam ao Brasil em 27 de julho de 1953 e iniciaram as suas atividades religiosas e sociais no estado do Paraná e posteriormente foram se inserindo em outras regiões do país como o estado de São Paulo e chegaram à cidade de Belém em 1° de março de 1961 para a realização de uma nova missão e, logo em seguida, no dia 4 de março viajaram para Abaetetuba

[3] Quando usado o termo irmãs, nos referimos as mulheres religiosas da ordem Xaveriana.

[4] A cidade de Abaetetuba ficou conhecida como "Terra da Cachaça" devido à grande quantidade de engenhos presentes à margem dos rios da cidade, sendo essa uma das principais atividades econômicas da cidade.

[5] No passado, o município ficou conhecido como a Terra da Cachaça, devido a próspera indústria de aguardente de cana localizada na época em Abaetetuba.

[6] Os Xaverianos são missionários que se dispõe em anunciar Jesus Cristo nos lugares onde ainda não é conhecido. Sendo assim, imitando os passos de São Francisco Xavier – santo que inspirou o nome da congregação –, no Brasil, os Xaverianos iniciaram seus trabalhos em São Paulo.

acompanhados pelo então arcebispo de Belém, na época Dom Alberto Gaudêncio Ramos.

Nesse período foi confiado aos Xaverianos a Prelazia de Abaeté[7] do Tocantins com sede em Abaetetuba (PA) e em 17 de novembro de 1962 foi nomeado como primeiro bispo da Prelazia Pe. Giovanni Gazza. No decorrer do seu trabalho pastoral entre 1962 e 1966, o bispo então percebendo a necessidade da população local em relação à assistência médica, demandas ajuda das irmãs missionárias Xaverianas para essa atividade, conforme descrito no documento intitulado "histórico do hospital"[8].

Vendo a necessidade de assistência médica para a população, o bispo Gazza logo no início de suas atividades na cidade, entra em acordo com o prefeito da cidade na época, Dr. Francisco Leite Lopes (governou de 1963 a 1964 com a tomada do poder pelos militares), para o aproveitamento de um prédio abandonado há muitos anos, incompleto em sua construção e tomado pela vegetação em suas dependências internas e externas, situado no centro da cidade, em Abaetetuba.

A prefeitura então cedeu o local à prelazia para a instalação de um posto de puericultura, o bispo então reformou o local para a construção do atual Centro Médico Nossa Senhora da Conceição. O funcionamento do local foi confiado as irmãs Xaverianas logo que estas chegam à cidade, e por terem sido pioneiras desde o início das atividades no Centro Médico, estando à frente por mais de cinco décadas, o local ficou popularmente conhecido como "Hospital das Irmãs".

Fundado oficialmente em 1º de maio de 1970, o Centro Médico Nossa Senhora da Conceição, conhecido como "Hospital das Irmãs" iniciou os atendimentos com a finalidade de diminuir o alto índice de mortalidade infantil existente na cidade na época. Em 1972, o Hospital precisou ser ampliado, aumentando seus trabalhos e atendimentos, como a implantação da maternidade proporcionando às mães e aos recém-nascidos maior segurança na gravidez, tanto nos partos como no acompanhamento pós-parto.

Figura 1- Foto Centro Médico Nossa Senhora da Conceição.

[7] Prelazia de Abaeté era uma prelazia territorial – Prelazia territorial é uma área geográfica com uma população de fiéis que ainda está em desenvolvimento.

[8] A fonte referenciada consiste em um texto intitulado "Histórico do Hospital", sob autoria de Pe. Síro Brunelo. O documento foi repassado durante a pesquisa de campo.



Fonte: Acervo do Centro Médico

A religiosa conhecida como “Irmã Antonietta” e outras religiosas da mesma ordem católica são referenciadas como pioneiras nesse trabalho segundo os entrevistados, diante dessa necessidade de atendimento à maternidade de inúmeras mulheres do município, o centro médico passou a oferecer esse serviço.

Figura 2: Nota de Falecimento Irmã Antonietta uma das irmãs pioneiras no trabalho no Hospital.



Fonte: Facebook

Além das atividades já desenvolvidas na maternidade, as irmãs divulgavam a medicina caseira e ensinaram os procedimentos de saneamento e higiene do lar, assim como a criação da alimentação alternativa para as crianças, para as mães desnutridas e para o povo de baixa renda da cidade.

3 O HOSPITAL DAS IRMÃS COMO LUGAR DE MEMÓRIA NA CIDADE DE ABAETETUBA

Pensar no Hospital das Irmãs como lugar de memória em Abaetetuba, é uma ação complexa e que pode inclusive suscitar vários debates, o que desde já se entende com bastante relevância. A história oral nos revelará através de três entrevistas que as memórias estão vivas e claras e também demarcam posições dos sujeitos investigados sobre o nosso objeto de estudo, o Hospital das Irmãs.

São memórias de três pessoas, que em tempos e modos diferentes, compartilharam suas vivências no espaço do Hospital das Irmãs. A primeira entrevistada é a "Senhora Celina" (39 anos) que é uma funcionária do Hospital das Irmãs há sete anos. Em seguida entrevistamos "Dona Maria de Nazaré" (69 anos) que é usuária do hospital e antiga moradora das ilhas, Rio Maúba, mas atualmente mora na área urbana da cidade de Abaetetuba. A terceira entrevistada é a "Senhora Simone" (40 anos), que além de ser funcionária do hospital, teve o processo de adoção quando ainda criança intermediado pelo Hospital das Irmãs, e presentemente atua à 17 anos como funcionária neste local.

Celina relata que na época em que Abaetetuba não tinha hospital, diante da grande necessidade para fazer partos e pelo fato de não haver uma maternidade as irmãs resolveram fazer do hospital uma maternidade. Quando perguntado para Celina sobre como era a estrutura do local, ela relata que muita coisa não mudou, de início a estrutura do hospital foi construído pensando o uso de cadeiras de rodas caso fosse necessário, as portas são largas, também para entrada e saída de maca, visto que inicialmente se tratava de uma maternidade.

Ela fala que as mudanças físicas que tiveram no local, se deve em decorrência a alguns serviços que o hospital não mais oferta, e com isso se fez necessário fazer as adaptações no ambiente, visto que não havia a necessidade de certas estruturas físicas, já que atualmente o hospital não oferece serviços de urgência. Já a terceira entrevistada, Simone relata algumas lembranças que tem de sua infância no hospital e fala de algumas mudanças físicas que o hospital sofreu desde então, como algumas salas de consulta que não se tinha e hoje tem, o parquinho para as crianças, e outros.

Fundado oficialmente em 1º de maio de 1970, o Centro Médico Nossa Senhora da Conceição, mais conhecido como hospital das irmãs, começou sua trajetória oferecendo serviços ambulatoriais e de maternidade. Celina fala que "a população deu esse nome de Hospital das Irmãs por que todo mundo só conhece por Hospital das Irmãs, por conta que, por quatro, cinco décadas foram elas (as irmãs) que tomaram conta do hospital, que administraram o hospital, se tornou a cara delas". Celina continua seu relato dizendo que a imagem das irmãs ficou impregnada no local, que ninguém fala do Hospital das Irmãs sem falar da irmã Eliza, da irmã Antônia, que são as pessoas mais significativas na história deste local no município de Abaetetuba.

A princípio as irmãs atendiam as grávidas com pré-natal, ensinavam as grávidas a importância do leite materno faziam todo aquele trabalho de educação e orientação com as mães para que elas pudessem cuidar dos filhos. Segundo o relato de Celina "o indice de mortalidade

infantil por desnutrição era muito alto nessa época, morria muita criança por desnutrição", por conta disso, as irmãs fizeram, parceria com a Pastoral da Criança[9], onde elas começaram a pesquisar e a criar alimentos que eram doados para essas crianças, e Celina continua seu relato dizendo que atualmente ainda se produz a farinha multimistura que era doado naquela época e muito utilizada pelas mães.

Celina também fala que as irmãs, "instituíram Clube de Mães[10], o clube de mães também era para as mães aprender a bordar, aprender a costurar, a pintar, a fazer crochê, para poder ter uma profissão, uma fonte de renda, era um trabalho completo que elas faziam (as irmãs)". A funcionária fala da grande importância desse local para o município de Abaetetuba, pois segundo a entrevistada "o hospital diminuiu drasticamente o índice de mortalidade infantil, devido a questão da parceria das irmãs com a pastoral da criança para fazer esses alimentos".

Celina conta que quando o Centro Médico foi reformado, também funcionou o atendimento dos primeiros socorros, aplicações de soros, injeções e outros serviços, assim como informações necessárias para a saúde dos pacientes em atendimento, formação médica para os funcionários e voluntários, com as orientações medicinais necessárias à população. Celina diz que a Irmã Antonietta, juntamente com outras irmãs e algumas mulheres voluntárias da Pastoral da Criança, desenvolveram um extraordinário serviço no combate à desnutrição de crianças e adultos, com o ensinamento da fabricação do soro caseiro e produtos alimentares nutritivos, assim como na fabricação de remédios da medicina popular.

Segundo Celina, a parceria das irmãs com a Pastoral da Criança estancou de modo extraordinário o altíssimo nível da desnutrição infantil, - a partir de dados do hospital-[11] a mortalidade de crianças no município, que era de 84 crianças mortas por 1000 nascidas, até um ano de vida, esse é o reflexo do trabalho de assistência médica prestado pelas irmãs, sendo essencial para a população do município.

Quando perguntamos para a segunda entrevistada qual a importância desse local para o município de Abaetetuba, A Sra. Maria de Nazaré relata que "as irmãs salvaram muitas vidas, muitas crianças, muitas gestantes, elas salvaram". No decorrer da entrevista Dona Maria de Nazaré diz que considera o hospital muito importante para o município até os dias de hoje pois vê que o hospital ainda recebe muitas pessoas, principalmente as famílias do interior, e destaca que seu esposo utiliza os serviços do hospital até os dias de hoje.

Segundo a entrevistada ela faz uso dos serviços do hospital à aproximadamente 53 anos, visto que é a idade que a filha mais velha tem, dona Maria de Nazaré veio da comunidade em que

[9] A pastoral da criança é uma ação social da ordem católica que tem como objetivo defender os direitos fundamentais de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e risco.
[10] O Clube de Mães era um projeto do hospital que consistia em auxiliar as mães de baixa renda com aulas de artesanato, para que assim essas mulheres pudessem ter uma fonte de renda.
[11] A fonte referenciada consiste em um texto intitulado "Histórico do Hospital", sob autoria de Pe. Síro Brunelo. O documento foi repassado durante a pesquisa de campo.

morava nas ilhas para ter a primeira filha na maternidade, entretanto quando chegou na cidade pela madrugada o local ainda estava fechado. Por esse motivo, a senhora Maria não teve o parto realizado no hospital das irmãs, mas sim em outro hospital da cidade.

Em relação a medicina caseira, os procedimentos de saneamento e higiene do lar, a criação da alimentação alternativa que a Irmã Antonietta e suas companheiras ensinavam para as mães de crianças desnutridas e para o povo de baixa renda; dona Maria de Nazaré relata que utilizou muito a multimistura com os filhos, segundo ela, "comprava, levava, fazia o mingau para as crianças, já que quase todas as crianças eram desnutridas praticamente, tudo barrigudo, a gente não tinha uma capacidade melhor para cuidar né, mas graças a Deus ficaram todos bons, fortinhos cresceram, teve 7 filhos, 7 eu criei graças a Deus estão tudo casado, e eu agradeço muito a Deus e a elas lá(as irmãs)"

Figura 3 – Alimento fornecido para o combate à desnutrição.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Quando perguntado para Dona Maria de Nazaré qual foi a importância desse lugar para ela e sua família ela destaca:

- Muito legal, muito ótimo eu agradeço muito a Deus e as médicas, Dra Eliza, Dra Antonia, não chamavam Doutora[12] chamavam irmã, irmã Eliza, irmã Antonia, eu agradeço muito a elas, porque meus filhos passaram todos praticamente pelas mãos delas, mesmo depois de grande eu trazia para as consultas. Abaixo vemos a imagem de uma das irmãs citada por Dona Maria de Nazaré, irmã Eliza.

[12] Algumas das irmãs tinham formação médica, outras tinham formação em enfermagem e outras possuíam formação técnica na área da saúde, entretanto todas eram chamadas de doutoras por alguns usuários do hospital.

Figura 4: Irmã Eliza:



Fonte: acervo pessoal da autora, 2024.

Dona Maria de Nazaré relata uma situação que viveu no hospital com uma das filhas, "inclusive eu tive uma filha que, ela já até estava casada, ela tinha uma dor no estômago, uma coisa, uma bucha que vinha saindo pela boca e não sabia o que era, e marido dela consultou ela por tudo que foi lugar e não passou, eu digo bora nas irmã, ai nós fomos lá, olha o medicamento eu paguei 3 reais na época, até hoje ela está boa"

A nossa terceira entrevista, Dona Simone, também nos relata a experiência que vivenciou no hospital:

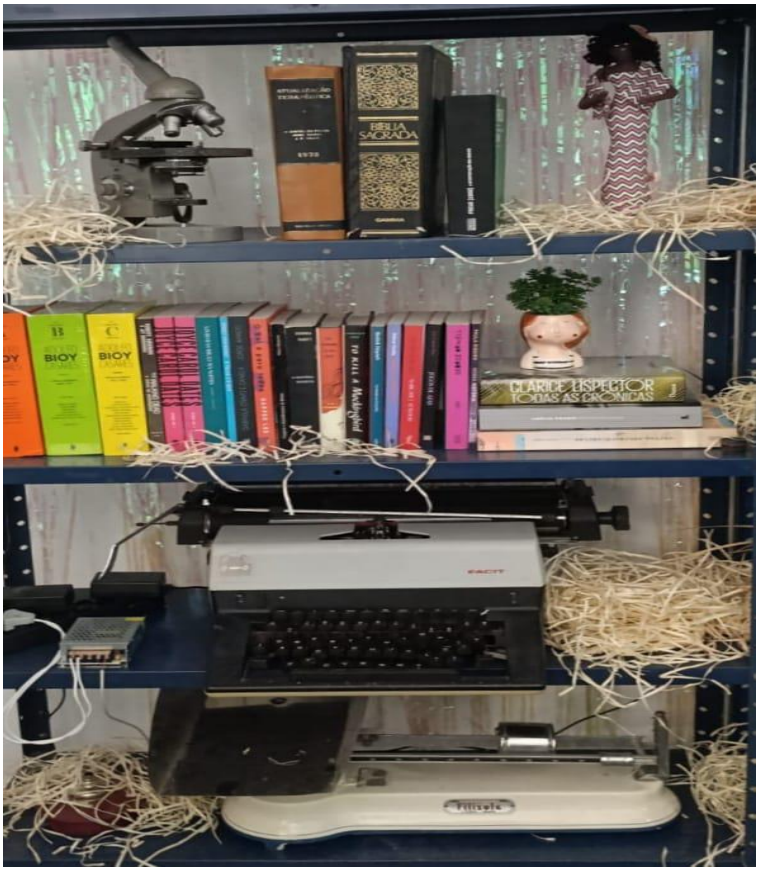
"Como o hospital das irmãs era a única maternidade daquela época na cidade de Abaetetuba, muitas mães iam ter seus bebês e acabavam deixando seus filhos para a adoção, e que as irmãs encaminhavam para famílias que estivessem dentro de um perfil responsável para receber o recém-nascido. As irmãs faziam o controle dos dados de identificação dos genitores e da futura família, em um caderno que se encontra no hospital". Simone fala que segundo sua mãe adotiva ela havia nascido em Belém, e que as irmãs sabendo que sua genitora queria colocá-la para adoção interveio ao estudar possíveis famílias que poderiam a receber, foi então que uma conhecida das irmãs se interessou em ficar comigo, então as irmãs intermediaram a minha adoção. Com o passar dos anos fiz um curso de técnica de enfermagem, e minha mãe adotiva falou com a irmã Antonieta sobre uma possível vaga para mim no hospital, e isso ajudou muito ela conseguir a vaga que hoje ocupa no hospital e que se mantem a dezessete anos.

Em 1984, com o crescimento da cidade, as estruturas do Centro Médico não mais atendiam a demanda. Além disso, foi implantada a Unidade Mista Hospital de Santa Rosa que começou a

oferecer serviços de maternidade em convênio com SUS (Sistema Único de Saúde). Assim, o Centro Médico passou a fazer apenas atendimentos ambulatoriais. Segundo o histórico do hospital, nos doze anos de maternidade nasceram 10.880 crianças, todas de parto natural.[13]

Atualmente o Centro Médico Nossa Senhora da Conceição conta com a administração do Diácono Pio, que pretende fazer um minimuseu, de alguns equipamentos antigos que elas trouxeram da Itália para fazerem os atendimentos, como um microscópio, a máquina de datilografia, que era o instrumento usado na época para produzir o prontuário, o termômetro de mercúrio, a balança, entre outros equipamentos, documentos e fotografias que estão expostas em uma sala do hospital.

Figura 5: instrumentos que eram utilizados no hospital pelas irmãs



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Segundo Dona Celina, a maior dificuldade do hospital é a questão financeira, do apoio financeiro da administração municipal, sempre tivemos, essa dificuldade, a gente tenta, faz projeto, faz isso, faz aquilo, escreve de um lado, escreve do outro, mas, é meio complicado, então nossa maior dificuldade é essa. E por conta disso atualmente cobramos as consultas e vendemos a farinha multimistura e alguns xaropes caseiros. Mesmo com essa dificuldade o hospital estuda e concede a cortesia, para aqueles que não tem como pagar.

[13] A fonte referenciada consiste em um texto intitulado “Histórico do Hospital”, sob autoria de Pe. Síro Brunelo. O documento foi repassado durante a pesquisa de campo.

Com o objetivo de promover um dos direitos básicos de todo ser humano, que é a saúde, atualmente o hospital das irmãs oferece os seguintes atendimentos: Consultas em Ginecologia, Clínico Geral, Dermatologia, Ortopedia, Angiologia, Endocrinologia, Psicologia, Pediatria, Reumatologia, Otorrinolaringologia, Urologia, Nutrição, Fisioterapia, consultas de enfermagem, Aplicação de Injeções, Dispensação de medicamentos, Imunização, Exames laboratoriais, Serviços de Ultrassonografia, Eletrocardiograma, Colposcopia, Pré-Natal, Assistência à criança e Educação Preventiva. Que acontece por meio de um importante trabalho educativo realizado junto às gestantes e mães de crianças.[14]

Este trabalho é feito juntamente com a Pastoral da Criança que, além de educar, desenvolve atividades de recuperação de crianças com baixo peso.

Simone enfatiza a importância do hospital principalmente para o povo das ilhas, ela diz que já escutou vários relatos de mulheres que tiveram seus partos realizados no hospital das irmãs, e o quanto elas são gratas pelo cuidado que as irmãs tiveram com elas e seus filhos. E até hoje o hospital recebe um grande público ribeirinho, que tem confiança no nosso trabalho.

Diante do exposto, o Centro Médico Nossa Senhora da Conceição popularmente conhecido como Hospital das Irmãs se caracteriza como Lugar de Memória na cidade de Abaetetuba Pará, visto que é um símbolo concreto de parte da história do município e que possui imensa importância social e cultural especialmente para a população ribeirinha, sendo um monumento concreto símbolo da memória coletiva de uma comunidade, especialmente dos moradores da cidade de Abaetetuba.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se que o principal objetivo proposto para esse estudo consistiu em, estabelecer atravessamentos entre história local , memória e lugares de memória no município de Abaetetuba, com o propósito geral do qual foi, realizar um resgate do objeto de estudo pensado a partir do dinamismo no ensino de história perpassando pela memória e por lugares de memória, destacando a importância das memórias coletivas e da história oral, sendo esses os principais métodos utilizados para a coleta dos dados da pesquisa, tendo como objeto de estudo o Centro Médico Nossa Senhora da Conceição em Abaetetuba (PA) conhecido popularmente como “Hospital das Irmãs”, o qual foi escolhido para a realização da pesquisa e denominado como lugar de memória da cidade.

Vale ressaltar a importância da conservação dos lugares de memória para a preservação da história, e como um meio para a reflexão do passado, presente e futuro da sociedade. Nora (1993) destaca, tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Diante

[14] A educação preventiva se trata de orientações relacionados ao cuidado da mulher e das crianças. Muitas das mães são mulheres novas e inexperientes, e o hospital realiza ações de orientações para essas mulheres sobre maternidade, família e religião, esses ensinamentos de grande valia se caracterizam como formas de educação não formal.

disso, cabe a cada um de nós, valorizar esses lugares de memória, causando inquietações a respeito desses lugares.

Com isso, buscou-se enaltecer a ordem religiosa que chegando ao município viu a necessidade e então buscou alternativas para suprir essas necessidades, e ao trabalho realizado inicialmente pelas irmãs Xaverianas, que atualmente não desenvolvem as atividades no hospital, mas que foram as pioneiras no trabalho social desenvolvido no local, sendo assim, o lugar de memória conhecido e batizado popularmente pela ação dessas irmãs nesse lugar de memória.

Com o estudo, concluiu-se que desde a inauguração do hospital até os dias de hoje, este possui um papel social fundamental de assistência médica para o município de Abaetetuba e para as demais localidades próximas. Tendo desde a sua implantação grande importância para a população, seja pelos atendimentos médicos ou auxílio social e humanitário prestado à população do município de Abaetetuba.

Assim, é de grande valia reconhecer esses inúmeros lugares que estão presentes diariamente no cotidiano e conhecer sua importância e sua história, e assim utilizá-los como forma de ensino no campo da história, para compreender do que se trata a história e a relevância da mesma trazendo elementos dos quais já são conhecidos.

REFERÊNCIAS

Adichie, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANTERELLI, L. **Missionárias de Maria - Xaverianas: 60 Anos do Brasil.** [S. l.], 9 out. 2017. Disponível em: https://www.xaverianos.org.br/noticias-e-artigos/artigos/507-missionarias-de-maria-xaverianas-60-anos-do-brasil. Acesso em: 2 jul. 2024.

BARROS, J. D. **Teoria da História**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2010

BURKE, P. **A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales** (1929-1989). São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

CUNHA, A. **Semana da Vida Consagrada: conheça os Missionários Xaverianos**: O carisma xaveriano define-se em anunciar Jesus Cristo nos lugares onde Ele ainda não é conhecido. [*S. l.*], 18 ago. 2015. Disponível em: https://noticias.cancaonova.com/brasil/semana-da-vida-consagrada-conheca-os-missionarios-xaverianos/. Acesso em: 28 maio 2025.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática do ensino de história**: experiências, reflexões e aprendizados. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de Pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**.4.ed. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

LE GOFF, Jacques et al. **História e memória.** Campinas, SP: Editora da Unicamp 1990.

MACHADO, Jorge. **História de Abaetetuba: com referenciais na história social e econômica**

da Amazônia. Abaetetuba, PA: Alquimia, 2008.

NASCIMENTO, Sérgio Bandeira; MORAIS, Stela Pojuci F. **Práticas inconfidentes do ensino de história e na formação continuada de professores para os anos iniciais do ensino fundamental.** in: RIBEIRO, M. E.; CUNHA, D. A.; PEREIRA, E. N. G (orgs.). Formação continuada de professores: entrelaçando saberes e práticas inovadoras. Castanhal, PA: GEPPE, 2013. 178 p.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Tradução: Yara Aun Khoury. Projeto, História, São Paulo, (10), dezembro, 1993.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA Maciel Henrique. **Fonte Histórica. IN. Dicionário de conceitos históricos** – 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica.** IN: GASPARELLO, Arlette Medeiros et alii. Ensino de história – sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

FONTES ORAIS

- Entrevista realizada com a senhora, Concelina Pinheiro Rodrigues em 16 de abril 2025.

- Entrevista realizada com a senhora, Maria de Nazaré Lobato Nunes em 16 de abril de 2025.

- Entrevista realizada com a senhora, Izalene Simone Rodrigues Costa em 16 de abril de 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA

Eu, Izalene Simone Rodrigues Costa, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha entrevista, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o(a) pesquisador(a) discente **Jhessica Nunes Pantoja** a utilizar as fotos que se façam necessárias e/ou dados de minha entrevista sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Tenho consciência que a pesquisa se constitui num instrumento de grande valia para os meios acadêmicos.

Abaetetuba, 16 de abril de 2025.

Jhessica Nunes Pantoja

Pesquisador (Discente) responsável pela pesquisa

Izalene Simone Rodrigues Costa

Sujeito da Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA

Eu, CONCELINA PINHEIRO RODRIGUES, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha entrevista, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o(a) pesquisador(a) discente **Jhessica Nunes Pantoja** a utilizar as fotos que se façam necessárias e/ou dados de minha entrevista sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Tenho consciência que a pesquisa se constitui num instrumento de grande valia para os meios acadêmicos.

Abaetetuba, 16 de abril de 2025.

Jhessica Nunes Pantoja

Pesquisador (Discente) responsável pela pesquisa

Concelina Pinheiro Rodrigues

Sujeito da Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA

Eu, Maria de Nazaré Sobato Nunes, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha entrevista, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o(a) pesquisador(a) discente **Jhessica Nunes Pantoja** a utilizar as fotos que se façam necessárias e/ou dados de minha entrevista sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Tenho consciência que a pesquisa se constitui num instrumento de grande valia para os meios acadêmicos.

Abaetetuba, 16 de abril de 2025.

Jhessica Nunes Pantoja

Pesquisador (Discente) responsável pela pesquisa

Maria de Nazaré Sobato Nunes

Sujeito da Pesquisa